

Diários das deambulações do escrever ou A poesia joga contra o Autor, em *Palavra e Rosto* de Fernando Paixão

André Luis Valadares de Aquino¹, Marília do Socorro Oliveira Araújo².

1. Professor da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Pará – UFPA, Castanhal/PA *alvdeaquino@gmail.com

2. Graduada da Faculdade de Ciências da Linguagem, da Universidade Federal do Pará, UFPA, Abaetetuba/PA

Palavras Chave: *Fernando Paixão; Semiologia da Linguagem Poética; Poesia Moderna e Contemporânea.*

Introdução

O presente trabalho é uma análise semiológica dos poemas em prosa de *Palavra e Rosto* (2010), do escritor português residente no Brasil Fernando Paixão. A leitura compreende as cenas do escrever, as paisagens da escrita, as paragens da mão do escritor (sombra do autor), na medida em que o seu texto encena um movimento de autoescritura, ou seja, de abatimento do autor e de dominância da linguagem.

Resultados e Discussão

As paisagens que se afirmam na poesia de F. Paixão são resultantes do movimento do próprio poema, do qual o Autor não se consegue se defender. Assim sendo, o poema só poderia ameaçar a autoridade do autor no movimento do escrever e na autorização do sentido. O poema se torna viagem da própria escrita em torno dela mesma e, ainda assim, convocatória da ação leitora, do seu passeio indefinido (o “rosto” indefinido do leitor). Os poemas em prosa informam, além disso, sobre os seus lugares de recolhimento e de solidão do escrever, das aventuras da infância, do jogo da poesia. As cenas figuram por fragmentos coligidos de um dia corriqueiro, tomado impositivamente pela ação do escrever. Principalmente, Maurice Blanchot e Roland Barthes possibilitaram a nossa leitura. Estes que exercitaram a crítica, a filosofia, a teoria, a escrita sobre a tradição de poesia moderna, para os quais: o sacrifício do Autor é garantia da sobrevivência da obra; a obra está sempre e novamente para ser escrita.

Conclusões

A forma do diário íntimo a que *Palavra e Rosto* admite, a um só tempo, paradoxalmente, a forma dos poemas em prosa, o tipo de *flânerie* pelos territórios da escrita, estabelecem um relacionamento com a tradição de poesia moderna, em especial com Charles Baudelaire. De toda maneira, ao contrário do modo hermético e negativo da poesia moderna desde Baudelaire, Fernando Paixão tem a poesia como objeto de uma “leveza sutil” (PAIXÃO, 2010, p. 42), menos obscura e violenta. Traços de delicadeza, na poesia contemporânea, do “rosto”, ainda, de toda maneira, em estado de inscrição necessariamente por vir.